

COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Gillette Audio — Nando o Escriba — gillettenarrative.com

Os primeiros a comunicar foram os homens primitivos sem roupas. Os primeiros a informar foram os homens primitivos com roupas, e com uma carteira de imprensa.

Ainda homens primitivos. Nada mudou. Só que os primeiros tinham de sobreviver à vida, enquanto os segundos ganham a vida trazendo os sobreviventes de volta à vida.

Mas não há tempo para discussões ou críticas — são atividades que nunca pratiquei.

O que eu gostaria de fazer é contar, através de histórias, a diferença antropológica entre as duas.

A primeira forma verdadeira de comunicação — e aqui todo mundo vai pular da cadeira — é o silêncio.

Antes da palavra, antes da voz, antes do gesto, antes da postura, a prática do silêncio sempre mediu a inteligência de uma pessoa pela sua capacidade de processar e decidir — nunca ao contrário.

E os homens, reunidos, ficavam calados, olhando as estrelas, o abstrato, o imaginado — até que, ao longe, um grupo de mulheres, certas de estarem sozinhas, começou a conversar entre si: vozes baixas, tom controlado, ritmo controlado, uma cadência ordenada, cada palavra cuidadosamente colocada. As mulheres são assim mesmo.

Mas a primeira lição que o silêncio deixou à humanidade não é uma espécie de recolhimento interior — é um método, uma fronteira final dentro de todo espaço onde as decisões de verdade são tomadas.

Ainda assim, o ruído dentro do silêncio é exatamente aquilo que nunca falta: vem de dentro, e é emocional, cognitivo, lógico e racional, instintivo e afetivo ao mesmo tempo.

E aqui, as únicas realmente capazes de lidar com isso continuam sendo, como sempre, as mulheres — tão completas, tão funcionais, que também receberam a tarefa de levar adiante a reprodução humana. (Em outros campos — o biológico, o celular — há machos que também dão à luz. Mas essa é outra espécie de comunicação.)

Quanto a tudo o mais que não cobri aqui, deixo à experiência de cada um — essa é a melhor parte daquilo que somos.

INFORMAÇÃO

A informação me lembra uma brincadeira que fazíamos quando crianças: todos em roda, o primeiro sussurra uma palavra no ouvido do seguinte, e ela passa pela fila através de doze pessoas. O que saía do outro lado era, em geral, uma explosão de risadas.

A brincadeira podia funcionar com uma única palavra ou com uma frase inteira, e era isto que acontecia:

– Começa-se com VAI VIVER, e doze passagens depois, a palavra que saía do outro lado era VAI MORRER.

– Começa-se com uma frase como TODOS NÓS SABÍAMOS QUE ELE IA VIVER, e doze passagens depois ela voltava como TODOS SABIAM QUE ELE ESTAVA MORTO, FUNERAL MARCADO PARA O DIA 12 ÀS 12:00. HA HA HA HA.

É exatamente assim que eu vejo a mídia mover a informação hoje — a mesma frase de abertura de uma notícia é reportada de forma diferente por um veículo depois do outro. Aquilo que julgávamos ser uma brincadeira de criança é, na verdade, a verdade amarga sobre uma indústria da informação onde já não há diferença entre uma banca de jornal e uma redação.

No fim, as duas coisas compartilham um único fio — são ambas filhas da mesma origem primitiva. Basta observar como as pessoas se vestem.

Boa leitura.

Ferdinando

© 2026 Ferdinando Frega — Todos os direitos reservados
Gillette Audio — Registro de copyright nos EUA em andamento